

## **Prisão de fim de linha, uma fuga improvável**

*por Debbie Elliot*

*VNL fevereiro de 2011*

Em pleno Cinturão da Bíblia, uma prática oriental antiga está fincando raízes no local mais improvável. Na prisão de segurança máxima do Alabama.

Atrás de uma cerca eletrificada dupla e de camadas de portões trancafiados, os prisioneiros mais violentos e mentalmente instáveis do Alabama estão encarcerados no presídio chamado William E. Donaldson Correctional Facility, nos arredores de Birmingham. Muitos deles vieram para ficar. O presídio dispõe de 24 celas no corredor da morte e cerca de um terço dos aproximadamente 1.500 prisioneiros estão condenados à prisão perpétua, sem qualquer direito à liberdade condicional.

“Você está lidando com as piores transgressões jamais cometidas por humanos no estado do Alabama,” diz Gary Hetzel, o diretor de Donaldson.

A carceragem tem uma história de esfaqueamentos de internos, de mortes e de suicídios e é objeto de ações judiciais. O presídio recebeu seu nome em homenagem a um agente penitenciário lá assassinado em 1990.

No horário da refeição nos blocos de isolamento, as bandejas de comida são deslizadas através de uma estreita caixa de metal instalada nas portas das celas, a fim de evitar que os internos possam ferir os agentes que os alimentam.

‘Vendo as coisas tais quais são’

Trata-se de um contraste acentuado com a cena que se desenrola no interior do ginásio do presídio, onde cerca de uma dezena de internos vestidos de uniformes brancos bem passados perambulam livremente, trabalhando em conjunto para tirar do chão os colchonetes.

O assassino condenado Johnny Mack Young, na postura de meditação que mantém por aproximadamente 10 horas por dia durante o curso de meditação silenciosa de 10 dias. Os agentes penitenciários dizem que o programa de meditação está reduzindo a violência na carceragem de segurança máxima do

Alabama. “Mudou a minha vida,” diz Young.

Durante os últimos 10 dias, o ginásio foi transformado em uma tranquila sala de meditação Vipassana.

“Vipassana significa ver as coisas como efetivamente são,” diz o interno Johnny Mack Young, enquanto se ajoelha em um tapete azul, apoiado em um banquinho de madeira. Esta é a posição que manteve por até 10 horas por dia durante o silencioso curso intensivo de meditação.

“Durante os primeiros três dias, a única coisa que fazemos é nos concentrar em nossa respiração,” diz Young. “Isto serve para aquietar a mente e torná-la afiada.”

Isolados no ginásio, os internos se levantam às 4h00 e meditam, com intervalos, até às 9h00. Sua alimentação é estritamente vegetariana. Não podem fumar nem beber café. E não há qualquer conversa – somente um exame interno de como o corpo está reagindo.

“Você começará a sentir uma coisinha se movendo por todo o seu corpo.” Diz Young. “Alguns caras não conseguem lidar com isto. Alguns caras gritam.” É um despertar forte para alguns prisioneiros, diz o professor de Vipassana Carl Franz.

“A mente de todo mundo é uma espécie de caixa de Pandora e, quando você tem 33 presidiários um tanto ou quanto perigosos enfrentando seu passado e suas próprias mentes, suas memórias, seus arrependimentos, sua infância difícil, o que seja, muitas coisas surgem,” diz Franz.

Para Young, um assassino confesso, essas coisas incluem seu papel, quando criança, na morte acidental de sua irmãzinha, o fato de nunca ter chorado a morte de sua mãe e seu crime – assassinato relacionado a drogas.

“Esta é uma das coisas que me tortura,” diz Young. “Aprendemos esta coisa.

Nós aprendemos tarde demais em nossas vidas.”

Agora, aos 61 anos e provavelmente na última morada que jamais conhecerá, Young diz que somente tenta obter a melhor qualidade de vida possível. Ele diz que, antes de fazer o curso de meditação, estava sempre envolvido em problemas, brigando e tentando escapar.

“Mudou a minha vida,” diz ele.

Resultados dramáticos

“Os Irmãos no Dhamma” é um documentário realizado pela diretora Jenny Phillips sobre o programa de meditação no presídio.

O Dr. Ron Cavanaugh, diretor de tratamento para o Departamento Correccional do Alabama, diz que muitos internos se defendem negando sua responsabilidade pelos crimes que cometeram e culpando os outros. Mas a prática da meditação, diz ele, remove todos estes mecanismos de defesa.

“Eles não têm ninguém com quem conversar,” diz Cavanaugh. “Por conseguinte, não há ninguém a quem possam negar sua culpa ou ninguém em quem possam projetar tudo o que foi feito.”

Cavanaugh diz que os internos que passam pela experiência do curso conseguem reduzir em 20% os problemas disciplinares. Mas não tem sido algo que esteja sendo fácil de vender no Alabama, um estado conhecido pelas

políticas de punição severa, tais como acorrentar os prisioneiros uns aos outros para trabalharem ou algemá-los por horas sem comida nem água aos postes de amarração.

A técnica de Vipassana, embora secular, é baseada nos ensinamentos do Buda. Logo após ter sido introduzida em Donaldson, aproximadamente há uma década, os capelães do sistema prisional expressaram sua preocupação de que isto talvez não estivesse de acordo com os valores cristãos. O Estado deu fim ao programa. Mas Hetzel, o diretor, viu os resultados dramáticos e o trouxe de volta.

“Pude perceber um declínio acentuado nos problemas comportamentais, expressos em ações.” Diz Hetzel. “Os internos que participaram dos programas anteriores de Vipassana pareciam estar muito mais calmos, muito mais tranquilos.”